

Corpo-arquivo: um relato sobre Dona Ana enquanto expressão de saberes ancestrais.

Camila Raphaelle Ramos de Oliveira;¹

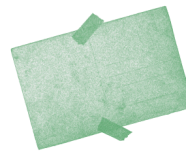
Yana Ramos de Oliveira.²

Resumo: Este artigo apresenta um relato de experiência analítico-reflexivo sobre a presença da pombagira Dona Ana em um terreiro de Candomblé, entendido como um corpo-arquivo e uma tecnologia ancestral de cuidado. Fundamentado em epistemologias afro-diaspóricas e decoloniais, o estudo reúne contribuições da Psicologia e do Design para refletir sobre as maneiras pelas quais a estética, a performance, a memória e a oralidade produzem processos de subjetivação feminina, particularmente no que diz respeito ao autocuidado, à autoestima e à autonomia das mulheres negras. O texto dialoga com os conceitos de corpo-arquivo e tempo espiralar propostos por Leda Maria Martins, com a noção de escrevivência de Conceição Evaristo e com os saberes quilombolas discutidos por Nego Bispo, reconhecendo o terreiro como um espaço legítimo para a produção de saberes e cuidado coletivo. A metodologia baseia-se na observação participante e na convivência contínua das autoras com Dona Ana ao longo de sua atividade no Ilê, adotando um modo de escrita implicado que reconhece a experiência vivida como uma dimensão constitutiva do processo investigativo. Os resultados indicam que os gestos, objetos, vestimentas e modos de circulação de Dona Ana organizam territórios simbólicos de acolhimento e resistência, nos quais o corpo da mulher negra é reinscrito como potência, desejo e memória viva. Conclui-se que a experiência analisada desafia os regimes acadêmicos convencionais de validação do conhecimento e destaca a articulação entre Design e Psicologia como uma prática simbólica, estética e política que sustenta processos de cuidado e pertencimento.

Palavras-chave: Corpo-Arquivo; Escrevivências; Ancestralidade; Pombogira; Design.

¹ Mestranda em Psicologia e Bacharela em Psicologia, UFAL, camila.silva@ip.ufal.br.

² Mestranda em Arquitetura e Urbanismo e Bacharela em Design, UFAL, yana.araujo@fau.ufal.br.



1. Introdução

Nas religiões de matriz africana, como a Umbanda e o Candomblé, a pombogira é uma entidade espiritual associada às forças femininas, à comunicação, à autoestima, à proteção e aos caminhos da vida afetiva e material. Sua presença está vinculada a saberes ancestrais e a dimensões simbólicas do cuidado, da autonomia e da transgressão de normas sociais restritivas. O terreiro, por sua vez, é o espaço sagrado onde essas tradições religiosas se realizam. Mais do que um local físico, trata-se de um território comunitário de culto, transmissão de saberes, rituais, cantos, danças e práticas de cuidado espiritual, no qual se atualizam memórias e cosmologias de origem africana.

Dona Ana³ não pertence ao passado. Ela atravessa o tempo como quem gira entre mundos, acendendo rastros de memória em cada dobra da saia que toca a cabeça, pousa no ombro e escreve corpo. Sua presença não se deixa capturar por cronologias lineares nem por categorias estáveis. Ela surge, desaparece e retorna, reinscrevendo-se no agora como memória viva. Pombogira Cigana⁴ da linha de Oxóssi⁵, Dona Ana manifesta-se como força que atravessa o terreiro, as ruas, as encruzilhadas e as subjetividades que com ela se encontram. À luz das reflexões de Leda Maria Martins (1997; 2021), compreende-se Dona Ana como corpo-arquivo, isto é, um corpo que não guarda o passado como registro morto, mas o atualiza continuamente por meio da performance, instaurando o tempo espiralar, no qual passado, presente e futuro coexistem. Nesse tempo, a memória não se fixa, ela gira. O corpo torna-se suporte e linguagem, arquivo, criação e movimento, escrevendo aquilo que a história silenciou.

No campo do Design e dos estudos da memória, amplia-se o entendimento de que os processos de produção de sentido extrapolam objetos materiais e suportes gráficos tradicionais. Memória, nesse horizonte, é prática viva, manifestando-se nos modos de vestir, de falar, de organizar o espaço e de repetir gestos que configuram pertencimentos. O design, quando deslocado de uma leitura estritamente funcional ou mercadológica, revela-se como prática cultural, simbólica e política, capaz de organizar mundos e produzir formas de cuidado. É nesse entrecruzamento que este relato se insere, ao propor compreender a pombogira Dona Ana como expressão ancestral, no qual estética, performance e memória operam como tecnologias de cuidado, resistência e reinvenção.

Ao articular os conceitos de corpo-arquivo, oralitura e escrevivência, busca-se demonstrar que os saberes afrodiaspóricos materializados nos terreiros constituem sistemas complexos de organização simbólica, nos quais o corpo feminino negro emerge como arquivo vivo de experiências históricas, afetivas e políticas. Historicamente, as pombogiras foram associadas a imagens moralizadas, perigosas ou desviantes, fruto de um imaginário colonial que vinculou o feminino negro àquilo que deveria ser contido ou corrigido. No entanto, no cotidiano do terreiro, essas imagens são continuamente ressignificadas. Dona Ana emerge como figura que reinscreve beleza, desejo e autonomia como dimensões legítimas da experiência feminina, produzindo efeitos profundos sobre a autoestima e os modos de subjetivação das mulheres que com ela convivem.

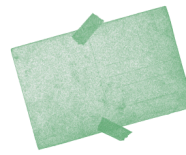
2. Metodologia

A pesquisa configura-se como um relato de experiência de natureza qualitativa e analítico-reflexiva, fundamentado em epistemologias afrodiaspóricas e decoloniais que reconhecem a oralidade, a ancestralidade e a experiência vivida como formas legítimas de produção de conhecimento. Tal perspectiva dialoga com a noção de corpo-arquivo e tempo espiralar (MARTINS,

³ Dona Ana: pombogira e madrinha do nosso terreiro de candomblé;

⁴ Pombogira Cigana: entidade espiritual cultuada no candomblé;

⁵ Oxóssi: orixá cultuado no candomblé;



2021), com a escrevivência (EVARISTO, 2011) e com os saberes quilombolas discutidos por Nego Bispo (2021).

O estudo foi construído a partir da observação participativa e da convivência contínua das autoras com a pombagira Dona Ana em um terreiro de candomblé localizado no estado de Alagoas. A experiência relatada é atravessada por mais de três décadas de presença de Dona Ana na comunidade religiosa, período no qual sua atuação consolidou-se como referência de cuidado, aconselhamento e reorganização subjetiva para mulheres frequentadoras do Ilê⁶.

As autoras ocupam posições implicadas no campo, sendo filhas de santo e pesquisadoras nos campos da Psicologia e do Design. Essa condição exige um exercício ético de reflexividade, no qual a experiência não é tomada como dado empírico neutro, mas como campo de elaboração crítica e situada. A escrita assume, portanto, caráter implicado, reconhecendo que o conhecimento produzido emerge do encontro, da escuta e da vivência compartilhada. Os materiais mobilizados na análise incluem narrativas orais do Babalorixá⁷ e de irmãos de santo, memórias pessoais das autoras, observações das performances rituais e extra rituais de Dona Ana, bem como registros dos objetos, vestimentas, cores e disposições espaciais associadas à sua presença. Esses elementos são compreendidos como fragmentos de um arquivo vivo, no qual corpo, gesto, estética e palavra operam de forma indissociável.

3. Resultados e Discussão

Como proposto por Leda Maria Martins (1997), em sua obra sobre “O tempo espiralar e as poéticas do corpo-tela”, Dona Ana é corpo-arquivo, essa noção desloca a concepção ocidental linear e progressiva do tempo, propondo que passado, presente e futuro se entrelaçam, se dobram e se refletem simultaneamente. Assim, Dona Ana não está presa a uma origem distante ou a um passado imutável. Ela surge, desaparece e ressurgem em múltiplas versões, atravessando o tempo e os espaços. Seu gesto, presente em sua indumentária e comportamento, traduz saberes que não cabem na palavra escrita. Seu lenço no cabelo, a echarpe nos ombros, os anéis e brincos que a adornam, tudo comunica uma história, uma memória coletiva que se inscreve no corpo. Tal corporalidade como arquivo é prática epistemológica que articula memória, resistência e potência, desafia a hegemonia do registro escrito e impresso e afirma outras formas de conhecimento (LÊDA MARTINS, 1997).

A presença de Dona Ana no terreiro revela-se como prática contínua de reinscrição da memória no corpo. Seus gestos reiterados, como o passar da saia pela cabeça, o ajuste cuidadoso do tecido, o batom vermelho que marca a boca, constituem uma estética que comunica pertencimento, força e liberdade. Esses gestos não se esgotam na repetição, mas se renovam a cada gira, produzindo sentidos que atravessam gerações.

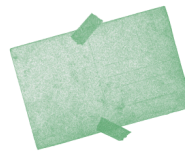
Ao se tratar do ponto de vista do Design, tais elementos organizam o espaço ritual como projeto simbólico, no qual objetos, cores, texturas e disposições espaciais operam como tecnologias ancestrais de cuidado. Não se trata de ornamento, mas de dispositivos que produzem acolhimento, identidade e continuidade da memória coletiva. Essa estética não é mero adorno, ela firma ponto⁸ e desloca o chão, constrói território e afirma existência. De acordo com Curcio e Araújo (2024), a incorporação de símbolos e narrativas refletem a pluralidade cultural brasileira e propõe que o design pode ser ferramenta de autonomia e preservação de cultura e saberes de povos ancestrais.

No campo da Psicologia, a convivência com Dona Ana produz efeitos significativos sobre a autoestima e os processos de subjetivação das mulheres do terreiro. Ao performar um feminino que

⁶ Ilê: terreiro de candomblé;

⁷ Babalorixá: sacerdote, zelador de orixá, pai de santo;

⁸ Firmar ponto: liturgia cantada no candomblé.



afirma desejo, autonomia e memória, Dona Ana torna-se espelho e convite para a reorganização de narrativas pessoais, especialmente para mulheres atravessadas por experiências de violência, silenciamento e culpa. A circulação de Dona Ana pela rua amplia essa dimensão simbólica, reinscrevendo o espaço público como território de cuidado e resistência. Ao transitar entre o terreiro e o Ayê, sua presença tensiona fronteiras entre sagrado e profano, privado e coletivo, afirmando o direito do corpo feminino negro de existir com dignidade, prazer e memória.

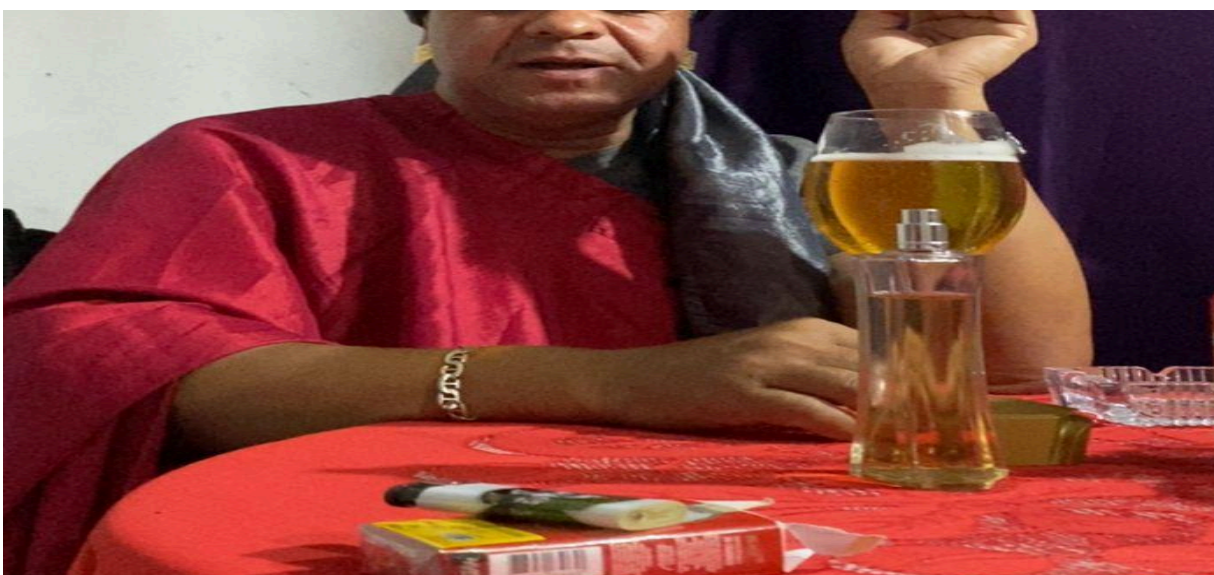
3.1 Pombogiras e Encruzilhadas: Tecnologias de Sobrevivência e Reinvenção

Pombogiras como Dona Ana habitam encruzilhadas, lugares de passagem, transformação e mistério. Suas performances rompem estereótipos de gênero, constituindo tecnologias de sobrevivência, cura e reinvenção. Cada pombogira carrega a força de muitas outras: pretas-velhas, mulheres sequestradas e atravessadas pelo Atlântico, mulheres que resistiram nas senzalas, nas ruas, nos terreiros, nos becos e jangadas. Ratts através da obra deixada por Beatriz Nascimento (2006), afirma que o quilombo é corpo e território de resistência, onde memória e presente se entrelaçam.

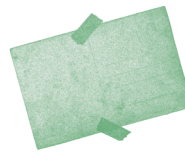
A estética das pombogiras carrega saberes profundos. Suas roupas falam, seus panos contam histórias. Saias rodadas, rendas, tons vermelhos, pretos e dourados compõem um vocabulário visual que comunica força e ancestralidade. Os brincos, colares e o batom são parte do corpo que se afirma. Essas mulheres ensinam outras a se fazerem ver, a ocuparem seus corpos, suas cores e seus caminhos. De acordo com Barros e Bairrão (2015), essa estética desestabiliza as estruturas do patriarcado e reconfigura o lugar da mulher no campo religioso.

Dona Ana performa um saber que não se aprende por leitura silenciosa, mas pela con-vivência, escuta, movimento e memória coletiva. Sua voz não se limita a garganta, ela dança, canta, pisa e planta caminho. Cada gesto, cada sorriso e cada lágrima de Dona Ana escrevem no corpo-mulher, corpo-de-rua e corpo-espírito a trajetória que a sustenta. A força que carrega representa aquelas que foram silenciadas e caladas, que resistiram nos terreiros, nas senzalas e nos espaços invisibilizados da história, ela simboliza um modo de existir e resistir que recusa o apagamento.

Imagem 1: Pombogira Dona Ana em Terra..



Fonte: Autoras, 2025.



3.2 Ancestralidade e Tecnologia de Cuidado: O Corpo como Arquivo Vivo

A tecnologia de cuidado que Dona Ana encarna está na esfera da ancestralidade transmitida pelo gesto e pela encarnação. Ao lado de Exu⁹, representado em quartinha¹⁰ (imagem 2), Dona Ana funda território. Ao vestir-se, afirma identidade, ao falar, desloca estruturas, Exu caminha com ela, abrindo caminhos tortuosos, jamais lineares. Ele atua como guardião e parceiro nas travessias. A encruzilhada, como explica Nego Bispo (2021), é campo de decisão e liberdade, espaço em que o encantamento reorganiza a vida. Dona Ana, filha da encruzilhada, recusa ser contida. Por mais de três décadas a entidade repete rituais significativos: passa a saia pela cabeça, ajeita-a com calma, deixa o ombro à mostra.

Imagem 2: Quartinha de Exu, amigo de Dona Ana.

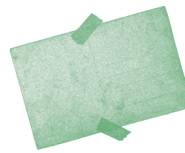


Fonte: Autoras, 2025.

O batom vermelho marca a boca e a palavra é símbolo de força e presença. Bebe cerveja em taça, fuma com uma postura que denota elegância, fala com voz doce e firme. Ela bebe cerveja em taça, fuma seu cigarro com elegância e fala com voz doce e firme. Cada detalhe evidencia saberes que

⁹ Exu: entidade cultuada no candomblé, guardião e mensageiro;

¹⁰ Quartinha: vaso de barro com água e outros fundamentos do candomblé, simboliza energia e axé.



resistem ao tempo e à invisibilidade. Dona Ana acolhe mulheres e não teme homens. Morreu jovem em nome do amor, mas nunca endureceu. Atualmente, gira para ensinar a não se curvar, a não se calar e a amar sem perder a si mesma. Sueli Carneiro (2003), destaca que o feminino negro se reinventa ao reconfigurar sua imagem e prática cotidiana. Assim, cada detalhe de sua imagem revela saberes que resistem à invisibilidade.

3.3 As ruas do Ayê: A Circulação da Força de Dona Ana

Dona Ana atua principalmente na rua, no vento, no tempo, nas encruzilhadas. Esses espaços são o locus da sua força livre e circulante. Quando necessário, ela desce ao Ayê¹¹, dentro do seu ilê (imagem 3), em seu kavalu¹², o Babalorixá que mantém seus pertences sempre prontos e organizados que compõem a sua mesa, utilizada como espaço de trabalho, mas que também simboliza acolhimento e encantamento (imagem 4). Perfumes doces dividem espaço com um copo de água, conchas, búzios, incensos, taça e seus acessórios.

Imagem 3: Ilê em que Dona Ana é Madrinha.

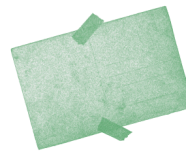


Fonte: Autoras, 2025.

As cores predominantes são em tons sóbrios e intensos, vermelho, verde escuro, marrom e preto. A organização cuidadosa dos seus acessórios remonta a uma cena de feitiçarias antigas, o cinzeiro é antigo de cristal. A mesa sempre acomoda seis ou mais lugares, com cadeiras em excesso, simbolizando espaço de acolhimento, partilha e encantamento. A entidade gira para lembrar que viver pode ser bonito, mesmo quando tudo parece ruir. Como canta Elza Soares, Ana é mulher do fim

¹¹ Ayê: terra em “iorubá”;

¹² Kavalu: termo de origem bantu, significa companheiro e é utilizado para se referir ao médium, aquele que recebe a incorporação de uma entidade espiritual.



Body-archive: an account of Dona Ana as an expression of ancestral knowledge.

Abstract: This article presents an analytical-reflective account of the presence of the Pomba Gira Dona Ana in a Candomblé terreiro (religious space), understood as a body-archive and an ancestral technology of care. Grounded in Afro-diasporic and decolonial epistemologies, the study brings together contributions from Psychology and Design to reflect on the ways in which aesthetics, performance, memory, and orality produce processes of female subjectivation, particularly with regard to self-care, self-esteem, and the autonomy of Black women. The text engages with the concepts of body-archive and spiral time proposed by Leda Maria Martins, with the notion of scriptivência (a concept related to writing and experience) by Conceição Evaristo, and with the Quilombola knowledge discussed by Nego Bispo, recognizing the terreiro as a legitimate space for the production of knowledge and collective care. The methodology is based on participant observation and the authors' continuous interaction with Dona Ana throughout her activities at Ilê, adopting an implicated writing style that recognizes lived experience as a constitutive dimension of the investigative process. The results indicate that Dona Ana's gestures, objects, clothing, and modes of movement organize symbolic territories of acceptance and resistance, in which the Black woman's body is reinscribed as power, desire, and living memory. It is concluded that the analyzed experience challenges conventional academic regimes of knowledge validation and highlights the articulation between Design and Psychology as a symbolic, aesthetic, and political practice that sustains processes of care and belonging.

Keywords: Body-Archive; Escrevivências; Ancestry; Pombogira; Design.

Referências

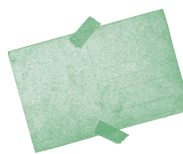
BARROS, Mariana Leal de; BAIRRÃO, José Francisco Miguel Henriques. **Performances de gênero na umbanda: a pombagira como interpretação afro-brasileira de "mulher"**. Revista do Instituto de Estudos Brasileiros, n. 62, p. 126-145, 2015.

CARNEIRO, Sueli. **Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero**. In: RACHA, Esther (Org.). Estudos feministas: uma antologia. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2003.

CURCIO, Gustavo O. F; ARAÚJO, Sarah R. **Design e ancestralidade postos em questão: considerações sobre o papel social do design no Brasil contemporâneo**. Interfaces da Comunicação, [S.l.], v.1, n.3, 2024, p.1-24

EVARISTO, Conceição. **Escrevivências e outros ensaios**. Belo Horizonte: Nandyala, 2011.

MARTINS, Leda Maria. **Afrografias da memória: o reinado do rosário e os congados mineiros**. São Paulo: Perspectiva, 1997.



MARTINS, Leda Maria. **Performances do tempo espiralar: poéticas do corpo-tela**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2021.

RATTS, Alex (Org.). **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz Nascimento**. São Paulo: Instituto Kuanza, 2006.

SANTOS, Antônio Bispo dos. **Colonização, quilombos: modos e significações**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2021.